

## **A trajetória da personagem Silvério em *Os pretos de Pousaflores*, de Aida Gomes**

---

RESUMO: Este artigo apresenta as principais características e a fortuna crítica do romance *Os pretos de Pousaflores*, de Aida Gomes, publicado em 2011 pela Dom Quixote. Contudo, meu interesse principal é observar o trajeto da personagem Silvério, que vive em dois espaços, Angola e Portugal, e em dois períodos históricos importantes, como o colonial e a subsequente independência do país africano. A intenção é perceber como essa personagem é importante para compreender algumas dinâmicas culturais e sociais que se instalaram durante o período tão sensível da história angolana e portuguesa, revelando que as personagens com quem Silvério se cruza ajudam a entender certas posturas de opressão.

PALAVRAS-CHAVE: Silvério; opressão; *Os pretos de Pousaflores*; Aida Gomes.

ABSTRACT: This article presents the main features and the critical reception of the novel *Os pretos de Pousaflores* [The Blacks of Pousaflores] by Aida Gomes, published in 2011 (Dom Quixote). My focus is on the trajectory of the character Silvério, who inhabits two spaces (Angola and Portugal) and two distinct historical periods (before and after the overthrow of Portuguese colonialism). Our aim is to assess the importance this character has for our understanding of the cultural and social dynamics of this sensitive period in Angolan and Portuguese history and, in particular, to demonstrate the extent to which the characters who cross Silvério's path help us understand certain racist attitudes and oppressive behaviors.

KEYWORDS: Silvério; oppression; *Os pretos de Pousaflores* [The Blacks of Pousaflores]; Aida Gomes.

---

## 1. Introdução

Nos últimos anos, as pesquisas em torno dos conceitos de império, memória colonial, trauma, movimento de independências das ex-colônias africanas, construção de nacionalidade e racismo vêm tomando o debate nas universidades. Na literatura, esses temas têm atraído a atenção de escritores/as, tanto portugueses/as quanto angolanos/as – como, por exemplo, António Lobo Antunes, Isabela Figueiredo, Dulce Maria Cardoso, Lídia Jorge, Pepetela, José Eduardo Agualusa e Aida Gomes. Esses/as autores/as procuram rever, sob diversas perspectivas narrativas (a do opressor ou a do/a oprimido/a, do sujeito negro ou retornado), as relações coloniais e pós-coloniais que ainda deixam marcas nas sociedades.

Nesse sentido, a obra de Aida Gomes, *Os pretos de Pousaflores* (2011), apresenta um projeto ideológico e artístico que passa por confrontar as perspectivas das personagens (negras, brancas, mestiças), repensar o seu lugar em diferentes espaços (Portugal e Angola), indicar certas posturas culturais e os movimentos de opressão e libertação a elas subjacentes. Aliás, a escritora, em entrevista com Doris Wieser, revela que a sua experiência de vida em vários países (Holanda, Guiné-Bissau, Moçambique, Libéria) e, em especial, em Portugal e Angola, foram determinantes para a sua herança cultural, por isso a necessidade de escrever *Os pretos de Pousaflores* como um processo de autoconhecimento. No entanto, relativamente ao seu romance, Aida Gomes observa: “não é especificamente a minha trajetória pessoal, mas tinha um pouco a ver com os percursos de famílias, de homens, mulheres e crianças, de brancos, negros e mestiços, tanto na herança colonial portuguesa como também naquilo que é o passado de Angola” (Wieser 2024, 44). Na mesma entrevista, a autora revela também que essa obra é uma versão mais complexa de uma outra intitulada *O meu nome é Elis*, que escreveu aos 23 anos e versava sobre como emigrar de Angola em meio a uma guerra civil.

Assim, este ensaio visa fazer uma leitura sucinta de algumas problemáticas da obra, através dos seguintes passos: resumir o que revela a fortuna crítica sobre o romance; apontar, sucintamente, alguns aspectos formais e estruturais da narrativa; observar as trajetórias de Silvério e, conseqüentemente, dos seus três filhos mestiços.

## 2. Fortuna crítica

Em relação à fortuna crítica da obra, há alguns artigos que não se debruçam apenas sobre o romance da escritora, visto que referem outras autoras. Por exemplo: em “Escritas literárias de uma deslocação histórica: o ‘retorno’”, Maria Luísa Leal (2019) analisa três romances (*Caderno de memórias coloniais*, de Isabel Figueiredo, *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, e *Os pretos de Pousaflores*, de Aida Gomes). A investigadora conclui, sobre a obra da escritora angolana, que o romance de Aida possui um caráter plural, de coexistência de espaços e de tempos muito diferentes e estórias com leituras divergentes, caráter também marcado por importantes aspectos do esquema narrativo:

à exceção do capítulo 55, todos os narradores são membros da mesma família, uma família *sui generis*, composta, no momento do retorno, por seis membros: Silvério, que é o pai, os seus três filhos, Belmira, Justino e Ercília, a sua terceira mulher, Deodata, e Marcolina, a irmã que nunca saiu de Pousaflores. Essa família corresponde ao Português crioulo em que deixa de ter pertinência a própria noção de identidade nacional como quadro revelador das personagens do romance e das implicações sociais e históricas dos seus movimentos. (Leal 2019, 95-96)

Sandra Isabel Marques (2021) também reflete sobre os três romances analisados por Maria Luísa Leal (2019), indicando, na narrativa de Aida Gomes, as problemáticas que os retornados, sejam brancos ou mestiços, enfrentavam na pequena comunidade rural de Pousaflores. Por isso, Marques percebe que essa obra deixa transparecer os sentimentos contraditórios e controversos das personagens, os afetos provocados por esse regresso da personagem protagonista e seus filhos, que sofrem preconceitos e, assim, tornam “evidente o sentimento de não pertença e os infortúnios dessas personagens” (2021, 767). Por seu turno, Ana Margarida Fonseca (2013-2014) centra-se n’*O retorno* de Dulce Maria Cardoso e n’*Os pretos de Pousaflores*, entendendo que esses dois romances deflagram enfoques diferenciados e denunciadores da complexidade da “desterritorialização”.

Partindo do conceito de “retornado” e da experiência colonial portuguesa, a análise de Patrícia Martinho Ferreira (2015) também incide sobre os dois romances analisados por Fonseca. A respeito do romance de Aida Gomes, a pesquisadora afirma que a minoria, pela “cor da pele”, “não conseguiu tornar-se ‘invisível’ no contexto da ex-metrópole. É a visibilidade – marcada pela cor da pele (ou

por outros traços fenotípicos, como o cabelo) – que justifica o facto de os filhos de Silvério serem chamados de ‘pretos’” (2015, 102).

Já o texto que trata especificamente da análise do romance é o de Helen Leonarda Abrantes (2018), que faz uma leitura centrada numa das filhas de Silvério, num texto intitulado “Belmira e a narrativa do trauma”. Nesse trabalho, a investigadora mostra como a personagem Belmira é constantemente exposta a diversas situações de violência, não apenas como “sobrevivente das guerras em Angola, mas também como sobrevivente de outras situações traumáticas, decorrentes de sua condição de mulher, negra, pobre e retornada a Portugal” (2018, 165).

Por seu turno, Rosangela Sarteschi, no seu estudo “Literatura contemporânea de autoria negra em Portugal: impasses e tensões” (2019), discute a presença da autoria negra e a sua relação com a sociedade portuguesa a partir da presença de imigração africana e de suas gerações posteriores. Sobre o romance em análise, Sarteschi ressalta “o estranhamento causado pela volta do português Silvério a seu país depois de anos em Angola, trazendo consigo os três filhos mestiços que serão marcados pela identificação de *os negros da aldeia*” (300).

O primeiro ensaio de Júlia Garraio compara as obras *Fado alexandrino*, de Lobo Antunes, e *Os pretos de Pousaflores*, revelando a maneira pela qual os corpos abusados das mulheres negras são usados como forma de representação da violência e de atuação do poder colonial através da hipersexualização. Garraio conclui que o romance de Aida “can contribute to the creation and circulation of more complex narratives about sexual violence and illuminate the ambiguities in national memory scripts” (2019, 1561). Outro ensaio da mesma pesquisadora, intitulado “Para lá da metáfora. Violência sexual e (pós)-colonialismo no romance *Os pretos de Pousaflores* de Aida Gomes” (2020), faz um recorte do texto já publicado um ano antes em inglês e alude a questões que dizem respeito ao imaginário português sobre a guerra colonial e à memória do retornado, com enfoque teórico-crítico nos casos de violações e na “dimensão massiva da violência sexual durante a conquista do território, assim apontando para a violação como fator de mestiçagem” (2002, s/p).

Por fim, mais recentemente, no ensaio intitulado “The Frizzy Hair of the Retornados: ‘Race’ and Gender in Literature on Mixed-Race Identities in Portugal”, Doris Wieser (2021) debruça-se sobre os romances *Os pretos de Pousaflores* e *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida. O objetivo desse trabalho é observar como, nas duas obras, as personagens mulheres lidam com o racismo velado na interseção entre “raça” e categorias de “gênero”, levando em consideração

também “their ages at the time of the decolonization and Return, the fact that they belong to different generations of memory, as well as the social class and the geographical context in which they live” (2021, 152). Especificamente sobre a obra aiana, Wieser ressalta a violência que as mulheres sofrem nesse sistema colonial e pós-colonial opressor.

O que fica evidente nos textos da crítica – apresentados sucintamente – é a problemática que se vai estabelecer entre as personagens e a mudança abrupta de território, uma ruptura que demarca conflitos psíquicos e sociais, advindos das marcas da guerra e do poder impositivo masculino, bem como uma certa inadaptabilidade aos novos sistemas simbólicos e espaços culturais.

### **3. Aspectos e conflitos do romance aiano**

*Os pretos de Pousaflores* é um romance dividido em quatro partes e possui um tempo histórico com acontecimentos situados antes e depois da independência de Angola, ocorrida a 11 de novembro de 1975. O título da obra é revelador da perspectiva adotada pela autora, principalmente no que concerne à diáspora africana e aos seus desdobramentos. Assim, encontram-se no título dois lexemas norteadores da narrativa: a aldeia ficcionalizada de “Pousaflores”<sup>1</sup> e os residentes advindos de África que lá se instalam, os “pretos”. Dessa forma, revela-se uma certa ironia, tendo em vista que Aida Gomes utiliza um lexema depreciativo, “pretos”, para referir a memória de um passado colonial, a guerra civil em Angola e as marcas deixadas por uma colonização atravessada pela violência e o preconceito.

O texto não é isócrono, pois a técnica utilizada por Aida Gomes consiste numa narrativa em diferentes temporalidades, alternando o presente com a analepse. Sendo assim, a estória da mesma personagem constitui-se como uma estória embutida na outra. Nesse caso, essas narrativas possuem relação de alternância e encaixe, incluindo ainda outras estórias paralelas. Por isso, Doris Wieser afirma que esse é um romance polifônico, com destaque para a personagem protagonista, “in which, due to the long internal monologues of the characters, each of them seems to be in their own world – particularly Silvério, who bears the trauma for his friend’s death and of the hasty flight from Angola, and who is incapable of showing affection to his children” (2021, 153).

*Os pretos de Pousaflores* centra-se em Silvério Paixão Prata, um português que deixou a sua aldeia ainda na juventude, quando emigra para África na tentativa de buscar melhores condições financeiras. A obra explora a construção

arquetípica da narrativa portuguesa advinda desde a época dos Descobrimentos, que imputava a ida ao estrangeiro como meio de reverter uma vida de pobreza e agruras em Portugal. Silvério é, como tantos outros portugueses e portuguesas, um “torna-viagem”, o símbolo de um Portugal em decadência, que indica como único meio de aceder a um patamar social, para quem não é de classes abastadas, a partida para o estrangeiro:

Foi para Angola e, da maneira como o mundo andava, primeiro a Guerra na Espanha, o trigo já escasseava, depois o mundo inteiro meteu-se na guerra. Era um horror... ah, pois, Angola, a mãezinha a pensar, o moço há-de ter sempre trabalho, herdou de mim o preceito da honradez e da sensatez, sabe Deus a esta hora quanta fortuna não terá acumulado. Coitadinha, que Deus a tenha, uma sorte não estar viva, vê-lo assim todo vergastado, ah sim, que sol do pecado arde bem, lá isso arde! O desmiolado, em vez de ir para o Brasil, ficava rico era um instante. (Gomes 2011, 73-74)<sup>2</sup>

Evidentemente, para essa mudança de status social, só a exploração de terras do domínio colonial seria capaz de trazer ao emigrante não apenas o reconhecimento financeiro, mas o sentimento de dignidade por parte do próprio Estado, que não lhe daria condições de uma perspectiva melhor de vida em território nacional. Por isso, depois de viver alguns anos em Angola, o próprio Silvério faz as suas considerações sobre a relação entre os brancos que vão explorar as terras africanas:

Sobre a África existem duas visões, a primeira é de que é terra dos negros, a segunda é de que oferece uma bóia de salvação aos fracassos dos brancos. Proponho-lhe uma terceira visão. Apareci em Quelingeli sem família nem tribo e aprendi a ser homem sozinho, por isso penso que em África, mais do que noutra lugar, o homem se apercebe do quão só e abandonado está num mundo hostil. (173)

Essa ideia de abandono é referida por Silvério devido a várias circunstâncias: as nações europeias preocupadas com a extração das riquezas africanas, o resultante abandono da população colonizada e sem grandes perspectivas de vida, bem como a própria distância que a personagem sentia da sua família. Os pais de Silvério, segundo ele relata, tinham mais afeto por seu irmão, o que lhe despertou ainda

mais a vontade de sair da pequena Pousaflores: “Um homem, para se fazer à vida, não precisa necessariamente de primos, nem do pai nem da mãe” (49).

Contudo, ao chegar a Angola, Silvério é enganado e desviado do seu objetivo: entra num batalhão indígena do poder colonial português de punição de comunidades locais que resistiam ao ordenamento do território colonial, fazendo parte de um batalhão de soldados negros. Nessas guerras tribais, os Mutileres eram considerados um povo rebelde e avessos aos “efeitos benéficos da civilização”, pois, entre os próprios negros e mestiços, eram referidos como particularmente violentos:

Acusados de altivez e orgulho, com fama de perigosos, porque manhosos, eram meros ladrões de gado e desconheciam a caridade e a religião, pois, se alguém da tribo adoecia ou se feria, estilhaçavam-lhe impiedosamente o crânio com uma pedra afiada e o cadáver era presenteado às matilhas de hienas que abundavam por aquelas paragens. (56)

De maneira geral, a campanha de exploração europeia em África tinha como objetivos a cristianização, a exploração de terras e a escravidão. O que a narrativa indica é que os Mutileres representariam ainda um dos povos que os colonizadores não tinham conseguido dominar, razão por que várias campanhas foram lançadas no sentido de prendê-los – o que ocorreu com êxito. Dessa maneira, a narrativa deixa antever como a conquista territorial em Angola recorreu, com frequência, à instrumentalização de rivalidades locais.

Ao final, as ordens advindas do governo de Lisboa foram de que alguns prisioneiros, os mais robustos, fossem levados para trabalhos na companhia de diamantes de Angola; outros iriam para a ilha de São Tomé e para a Guiné, destinados às plantações de cacau e de caju; e uma maior parte poderia permanecer em solo angolano, desde que fosse destinada ao trabalho nas propriedades agrícolas dos colonatos, administradores e militares: “abrindo estradas e laborando nas zonas de cafezeiros e fazendas de cana sacarina, aprenderiam que a civilização tem os seus custos e exige tributos” (60). Evidentemente, essa imposição “laboral”, um novo tipo de escravidão, vai se tornar cada vez mais frequente em solo angolano e vai ficar conhecida por um termo poetizado pelos escritores António Jacinto e Agostinho Neto, o chamado “contratado”<sup>3</sup>.

Silvério refere uma série de grupos armados, aludindo que alguns creem que, “desde o começo dos tempos, os angolanos lutaram com todas as suas forças

contra a dominação estrangeira” (82); outros combatentes afirmam que “no futuro não pode haver servilismo, nem bajulice em torno dos chefes” (82). Alguns grupos, como o Movimento Pacifista, mobilizam a população para queimar sementes, destruir vias de comunicação, invadir armazéns e expulsar os brancos sem nenhum tipo de arma, só fogo e catana; outros grupos opinam que se deve defender a terra dos antepassados com luta armada, como afirma a notícia na rádio: “a luta pela independência vai continuar em qualquer circunstância” (82).

Isto ocorre porque, como explicita Frantz Fanon em *Os condenados da terra*, a existência da luta armada é sinal de que “o povo está decidido a só depositar confiança nos meios violentos” (1968, 65), e que a linguagem violenta associada ao/a colonizado/a, dita pelo colonizador, muda de direção: agora, o/a colonizado/a compreende que o colonialista só percebe as relações de poder através da irascibilidade: “O homem colonizado liberta-se na e pela violência. Esta práxis ilumina o agente porque lhe indica os meios e o fim” (66) e o transforma em elo violento “do grande organismo surgido como reação à violência primordial do colonialista” (73). Contudo, Silvério, que convive com esses grupos, fala de um outro tipo de revolução que deveria ocorrer no país, algo para além das formas de violência: “Angola é terra sedenta de instrução, precisa de mais escolas e bibliotecas” (Gomes 2011, 82).

Durante o período de mais de trinta anos em território angolano, Silvério foi pai de três filhos mestiços (Justino, Belmira e Ercília) de diferentes mulheres, revelando os efeitos históricos da colonização, que não apenas se referiam à exploração da terra, mas à posse, à atividade sexual e à procriação com mulheres negras – dinâmica que poderia surgir ou não de dinâmicas impositivas.

No caso da personagem Silvério, a relação com as mães dos seus três filhos é violenta e hierárquica. Esse ciclo de violência começa, por exemplo, pela representação e imposição do poder patriarcal: o chefe da aldeia onde Silvério vive obriga Muneme a se relacionar com ele, de quem tem um filho, Justino. Devido a suspeitas de infidelidade, Silvério acaba por assassinar Muneme. E esse tipo de crime, o feminicídio, é extremamente comum nessas relações da imposição masculina como uma espécie de “lei” que dita as regras através de “códigos de moralidade”, acentuando o machismo e a violência contra as mulheres.<sup>4</sup>

Após esse fato, o chefe local obriga a própria filha, Geraldina, a viver com Silvério, de quem tem uma filha, Belmira. Dessa maneira, encontra-se um ciclo de assédios e abusos sustentados dentro da lógica de dominação do corpo feminino pelos homens e essas “relações”, baseadas em estupros e na opressão das

mulheres, perpetuam uma dinâmica de naturalização e banalização da violência de gênero no contexto colonial: “Silvério’s relationship with African women is pervaded with the colonial patriarchal model of subjugation and exploitation of women, which is even more dramatic when it comes to black women, as is the case. This character has a Western, traditional, and even violent masculinity” (Wieser 2021, 154).

Os três filhos de Silvério representam a ideia de miscigenação baseada na violação, no domínio pela imposição da força e numa naturalizada “subjugação sociocultural” sobre os corpos das mulheres. Por isso, Doris Wieser afirma que a cor da pele e a classe social são determinantes na integração dos filhos de Silvério. No caso de Belmira e Ercília, o fato de serem mulheres piora a situação, visto que as dinâmicas de opressão por que passam as mulheres são mais violentas e repressivas: “in Aida Gomes’ novel both Silvério’s women and later their daughters suffer with the prejudice that identifies them as sexually available to white men, who rely on the concept of the superiority of imperial masculinity and feel they can legitimately abuse these women” (2021, 158). Por causa disso, até as próprias personagens mulheres acabam por reproduzir o modelo dominante: Deodata, por exemplo, a última mulher que conviveu com Silvério, mãe da mais jovem das filhas, Ercília, depois que vai viver como refugiada em Portugal, demonstra a mesma postura conservadora da tia de sua filha, Marcolina, reproduzindo os estereótipos de feminilidade associados às imposições dos homens.<sup>5</sup>

Assim, depois da independência de Angola e com a guerra civil, Silvério resolve voltar a Portugal com os seus três filhos, visto que, além da violência pelo poder político e das revoltas nas ruas, os portugueses são malquistos em solo angolano independente: “Grande ajuntamento em frente ao posto da polícia. Estão a rasgar a bandeira de Portugal” (Gomes 2011, 63). Por isso, Silvério e tantos outros portugueses ou descendentes (e até angolanos) tentavam fugir em um voo da Cruz Vermelha para Lisboa.<sup>6</sup>

Nesse interim, com a independência, aponta a narrativa, é possível ser “angolano/a”. No quadro dessa “nova Angola”, o carnaval, festa proibida pela colonização e que estaria no “sangue” do povo, deve ser comemorado e associado à libertação estrangeira, numa evidente construção da ideia de identidade nacional angolana reprimida durante a colonização:

o nosso povo tem o Carnaval no sangue. [...] o colono proibiu o Carnaval porque os angolanos deram início à luta de libertação nacional em 1961.

Os policiais dos colonos espancavam os nossos dançarinos e metiam na prisão, não queriam que o angolano tivesse expressão. (99-100)

Contudo, é preciso recordar, através das considerações da presa política Fátima Roque, que, após a independência, as causas da guerra civil desencadeada pelo MPLA contra a UNITA basearam-se num jogo de controle pelo poder em Angola:<sup>7</sup>

A luta dum nova guerra seria contra quem? Da UNITA contra o MPLA e do MPLA contra a UNITA? Nada disso. Seria de ambos contra o povo. Este é que ficaria sem casas, sem escolas, sem hospitais, sem estradas, sem roupas, sem comida, sem saúde, sem medicamentos, sem os filhos, sem alegria, sem a vida. E então ela se pronuncia de forma contundente sobre a “lógica” ou visão geral sobre essa guerra que se seguiu em Angola após a independência e numa guerra civil são sempre dois exércitos a lutar contra o Povo da sua própria Nação. Um suicídio nacional. (Roque 1994, 163)

Ou seja, esses grupos queriam impor as suas ideologias e justificar a sua permanência no poder e, para isso, acabavam reproduzindo o mesmo sistema opressor do colonialista. Essa dinâmica é explicada por Frantz Fanon: “o colonizado é um perseguido que sonha permanentemente em se tornar perseguidor” (1968, 40). Elsa Peralta ressalta também as especificidades dos conflitos em Angola e afirma que o cotidiano instituído pelo medo e pela violência, atrelado a um certo pânico, começa a antecipar a fuga dos portugueses do país, durante o período de independência:

Em Angola, o processo de transferência da soberania revelar-se-ia mais complicado. A existência não de um, mas de três movimentos de libertação considerados legítimos herdeiros do Governo do novo país, cria um clima de tensão que é exponenciado pela sua recusa em deporem as armas. Angola torna-se um campo de batalha da Guerra Fria, no qual forças opostas, como a então União Soviética e Cuba, por um lado, e a África do Sul e os Estados Unidos da América, por outro, procuram impor a sua área de influência e controlo sobre o território. De facto, pouco tempo depois do Acordo do Alvor ter sido assinado, os três movimentos envolvem-se numa luta sangrenta pelo controlo do país, dando início ao conflito armado que teve início nesse ano e que continuou, com alguns intervalos, até 2002: a Guerra Civil de Angola. (2019, 316)

Não por acaso, Fanon refere que a colonização resulta de um processo de cisão do mundo baseado em desigualdades, de modos de vida e maniqueísmos sociais que privilegiam o estrangeiro branco e animalizam o colonizado. Por seu turno, a descolonização deixa marcas profundas nos sujeitos, pois se configura como um fenômeno extremamente violento e unificador do mundo dicotômico criado pelo colonizador. Assim, esse mundo agora é exaltado “por uma decisão racial a heterogeneidade, conglobando-o à base da nação, às vezes da raça” (1968, 34).

É neste sentido que a narrativa refere como Silvério e os seus filhos – considerados “retornados”, nascidos ou não em terras lusas – se sentem e começam uma nova rotina em terras portuguesas, onde os espera Marcolina, uma tia beata e conservadora. Desse modo, na viagem entre esses dois espaços, as personagens vão refletindo sobre as suas vivências em Angola e a perspectiva futura em Portugal. Dessa maneira, o romance dá enfoque à integração desses “retornados” na sociedade portuguesa.<sup>8</sup> Vale a pena recordar que a narrativa se centra não apenas no regresso de Silvério e de seus filhos, mas também no retorno de outros colonos com suas famílias e o modo como estes se sentiam nessa fuga para Portugal. Tendo em vista o grande número de retornados, criaram-se certos estigmas a essas populações, situação de deslocamento pela qual vão passar algumas personagens do romance aidiano. Elsa Peralta explica essa dinâmica, destacando que alguns retornados renegavam esse rótulo devido à carga estereotípica desse lexema:

Soon, *retornado* became a derogatory term and the attribution of an identity charged with social stigma. The *retornados* themselves also vehemently contested the name they were given. They considered that the term was inaccurate, because in many cases they had been born in the colonies, so they could not “return” to a place they had never been to before. But above all they contested it because of its political and ideological content: to call them *retornados* was to consider that they were returning to their homeland as former settlers in a territory they occupied and exploited, and as beneficiaries of the colonial system. Rejecting this connotation, they preferred to be called “refugees” or “displaced people”, that is, as victims of decolonization. (2022, 12)

Por conseguinte, é comum, em algumas passagens, o foco narrativo se centrar no cotidiano dessas personagens em um novo espaço, nas relações desses

filhos angolanos em sua nova pátria e na estranheza do encontro com os habitantes de Pousaflores, fato narrado por um dos filhos de Silvério, o jovem Justino:

Há qualquer coisa em mim. Chego a um sítio e todos me contemplam. É carisma, eu acho. Acabei o banho, vesti-me, cheguei à cozinha e confirmei, sem mim ninguém se mexe. Já aqui estou. A velhota gravita na minha órbita, mas também não é todos os dias que lhe aparece um sobrinho das profundezas das ex-colónias, alto e a cheirar a sabão azul que ela gosta tanto. Um sorriso faz a diferença, depois é ousadia e a boa presença. (Gomes 2011, 29)

Esse olhar “diferente” ou essa contemplação descrita por Justino não deixa de antever posturas de estranheza e de algum racismo, mesmo que velado, visto ser ele o filho mais velho e mais “moreno” de Silvério. Por essa razão, numa das passagens do romance, Ercília aponta as diferenças entre ela e suas colegas de Liceu: “Sou diferente. Elas usam nos tornozelos soquetes de malha tricotados. T-shirts rasgadas. Escutam música estrangeira. Nunca poderei ser uma delas” (167). Sobre essa dinâmica de como se sentiam os “retornados”, Kalter afirma que “os migrantes viam-se a si próprios como diferentes. Como minoria vulnerável no âmbito de uma sociedade estruturalmente racista. [...] Falavam muitas vezes da diferença entre o convívio animado com seus pares nas colónias e a vida social em Portugal” (2017, 114). Aliás, essa vulnerabilidade, centrada no racismo e na diferença, surge na fala da Tio Perdigão: ele nota a postura diferente de Silvério, que nem sequer vai mais à missa, porque a África teria “dado cabo” dele. Por isso, tece considerações, centradas em estereótipos, sobre os “pretos”:

Não gosto de pretos. Saiu-me, está cá fora, até durmo melhor. Não gosto deles, pronto! O que é que queres que te faça? Agora que temos televisão farto-me de os ver. São muitos bons no atletismo e nos futebolis, dançam e cantam que se fartam, pois a mim não me encantam. Não gosto deles e muito menos de mulatos, e vê lá a minha sina, tenho-os em casa. Raça falsa, só a Ercília, coitada, é obediente, saiu a mim. A gente aqui em Portugal não tem nada a ver com pretos. Perdermos as colónias foi a maior bênção que Deus nos deu. Eles que fiquem na terra deles, a gente fica na nossa. (Gomes 2011, 107)

Esse novo espaço a explorar é descrito por Belmira através de uma carta que escreve à sua mãe Geraldina, que sofria constantes agressões físicas e

psicológicas e que fora abandonada em Angola por Silvério. A personagem relata as condições em que habitam, a rotina da pequena vila com suas procissões, como as mulheres e os homens se vestem, os lampiões que penduraram entre os postes de luz nas ruas. Comenta também que o seu pai e seu irmão dormem em camas de tábuas cruzadas, que ela e sua irmã têm como dormitórios estrados, colocados por cima dos aposentos de Justino e Silvério. Ainda alude às batatas e aos feijões vermelhos para a sementeira; às maçãs e à broa de milho que a tia Marcolina assa no forno; a Ercília, que se fez catequista, tornando-se responsável por enfeitar os anjos para a procissão. A indicação da mudança de hábitos e da rotina em Portugal reveste-se da intenção de acalantar a mãe, deixada entre os perigos da guerra civil em Angola.

Aos poucos, os filhos de Silvério percebem como se configura essa nova sociedade e notam o abismo social e a condescendência com a violência extrema que há em Angola, mas não deixam também de perceber o estranhamento com esse novo espaço e as dinâmicas veladas de racismo por que passam. Nesse sentido, em uma passagem do romance (referente ao tempo em que ainda moravam em Angola), surgem cenas chocantes da guerra como um cotidiano habitual e do qual essas personagens tentavam fugir: “as pessoas estão a morrer nos carros queimados. Aparecem mortas no lado da estrada, igual a cão atropelado, já ninguém liga” (36).

A insatisfação e o infeliz destino que o esperava, bem como os traumas da guerrilha angolana, levaram Silvério, após o regresso a Pousaflores, a um estado considerado, pelas personagens, de “endoicimento”, o que despertava a preocupação de uma das suas filhas, Belmira:

A mim dói-me o gelo dos dias desde que o pai amaldiçoou o destino, Angola, terra dos infelizes, e Portugal, uma nação equivocada. Em ambos os lados, a sorte é parca. E, quando fala, não parece saber com quem fala, se fala conosco, se com o senhor Manuel. A tia diz, o vosso pai endoideceu. Só pode ser isso. Foi maldição, da qual surtiu efeito desta tristeza atroz em mim. (118)

A descolonização portuguesa, como se sabe, apesar de ter sido tratada após os eventos de 25 de Abril com a promoção da CPLP e da ideia de lusofonia,<sup>9</sup> teria a função de tentar demonstrar como os portugueses, após o fim do império, possuíam posturas democráticas, por um lado, e uma certa convivência pacífica mostrando alguns benefícios da herança da língua portuguesa, por outro. Contudo, alguns críticos refutam tais ideias e entendem-nas como um novo tipo de

colonização. Os legados traumáticos e a experiência emocional da guerra – bem como o confronto com a realidade racista e classista da metrópole – provocaram em muitos indivíduos, retornados ou não, uma série de problemas psíquicos,<sup>10</sup> como aparenta possuir Silvério e como ele mesmo confessa ao seu compadre: “Ocorreu-me hoje que nem tudo está tão claro como parece, no que se refere à nossa morte, quero eu dizer. [...] quanto ao meu fim, isto anda obscuro. Não me suicidei quando podia” (166). Dessa maneira, Ana Margarida Fonseca afirma que, nesse caso, “o lento processo de enlouquecimento, que o leva à perda da memória, pode, assim, ser entendido como uma incapacidade de lidar com o peso do passado, anulando qualquer esperança de futuro” (2012, 667). Assim, Silvério, ao final do romance, já senil e aos cuidados de Deodata, demonstra uma certa apatia perante os filhos e vive com as marcas dos traumas que a própria colonização lhe deixou, mesmo estando numa escala social considerada superior, branca e europeia, se comparado aos angolanos e negros.

Por isso, devido à inadaptação a Pousaflores, ao afastamento emocional do pai e à morte da tia Marcolina<sup>11</sup>, Ercília, Justino e Belmira tomam diferentes rumos nas suas vidas. Ercília, depois de sair da pequena vila para abortar, volta a Pousaflores e vive em contínuas tristezas; também viveu com a irmã, Belmira, numa pensão em Lisboa e chegou a trabalhar numa tasca. Belmira tinha a intenção de poupar algum dinheiro para sair do país e, por isso, acaba por se prostituir em Lisboa<sup>12</sup> e vai de boleia com um caminhoneiro português que fazia o trajeto Portugal-Alemanha, restando-lhe trabalhar como empregada numa fábrica de brinquedos na Suíça. Ercília fica em Portugal e inscreve-se num curso agrícola, para ver se consegue algum subsídio de hectare de terra. Justino acaba por retornar a Angola e arranjar uma companheira, tornando-se pai de três filhos, todos eles falantes do português, pois as novas gerações não falam nurerere.

#### **4. Breves considerações finais**

Em suma, a fortuna crítica em torno de Aida Gomes tem comparado *Os pretos de Pousaflores* a outras obras de cariz (pós-)colonial. A estrutura do romance, como vimos, é complexa, seja por imbricar diferentes passagens da história angolana, nas perspectivas do sujeito branco português ou do negro, seja pelas contínuas mudanças de plano temporal, de vários narradores/as em primeira pessoa e de eventos anacrônicos sucessivos.

*Os pretos de Pousaflores* revela uma série de problemáticas que se estabeleceram em Portugal e em Angola após a descolonização, apontando as faltas de políticas

públicas educacionais e culturais para receber esses retornados e retornadas, principalmente os/as que não eram brancos/as, bem como o caos que se instaurou em Angola pela disputa de poder. A personagem Silvério e os seus filhos são o retrato desse país que tem de conviver com os retornados e repensar a sua postura colonial e opressora. Além dos problemas internos de guerrilha, Angola necessita lidar com os traumas deixados pelo colonizador e a busca pela reconstrução identitária do país.

Assim, a personagem Silvério representa a própria estrutura do seu país: a falta de oportunidades para as classes menos abastadas e a conseqüente busca por riquezas em terras estrangeiras; a imposição da cor branca e do poder patriarcal para se inserir em lutas armadas e manter relações sexuais abusivas com mulheres negras; os transtornos psicológicos advindos das relações opressoras coloniais, o que levou a personagem a ter dificuldade para conviver com os próprios/as filhos/as e a apresentar traços de enlouquecimento e esquecimento; o lugar incômodo e a estranheza do retornado em terras portuguesas; os filhos mestiços/as e negros/as que fogem da guerra civil, tentando uma melhor oportunidade em terras lusas. Em suma, o que o romance revela é como Portugal não estava preparado para lidar com essas questões e como esses sujeitos/personagens acabavam por sofrer uma série de exclusões sociais e psicoafetivas. Não é por acaso que, no final da narrativa, a personagem perde a memória, esquecendo-se até que a sua irmã faleceu. Será uma das suas mulheres, Deodata, que vai referir o espaço angolano, como uma maneira de recusar o esquecimento e a experiência vivida.

Ainda nesse sentido, a própria escritora Aida Gomes relembra que a personagem de Silvério é contraditória, porque ele não seria “uma pessoa dura”, mas sim um homem com “certa sensibilidade”: “no momento que chega a Portugal, é a primeira vez que começa a refletir e a fazer um ato de ‘autoexpição’ sobre o papel que teve como colonizador” (Wieser, 2024, 52).

Portanto, concluo que a não identificação das personagens com esse novo espaço faz com que os filhos de Silvério procurem outros caminhos de busca identitária, permanecendo o pai branco e pobre a viver isolado e melancólico na vila rural. Como o romance refere duplos espaços e a circulação de personagens através do processo de colonização e guerras, fugas e emigração, fica evidente que essas personagens vivem também processos ligados à condição de exilados e à experiência da solidão. Esses caminhos revelam três posturas pós-coloniais distintas, representadas pelos desfechos dos filhos de Silvério: 1.

o mestiço/retornado que deseja permanecer em Portugal e tentar uma vida diferente daquela vivida na antiga colônia (Ercília), mesmo passando por problemas de racismo e exclusão; 2. o que retorna ao seu país de origem numa busca por conexão identitária com a nação que, mesmo em guerra civil, teria expectativas de um futuro mais digno para a população (Justino); e, por fim, 3. a da adaptação e mudança para um terceiro espaço nacional, a Suíça (Belmira). Essa personagem, em específico, almeja deixar para trás um percurso que não incluiria a família ou a terra de origem, mas a busca por outras oportunidades e sujeitos, a tentativa de uma nova e melhor perspectiva de vida, bem como a identificação com outras identidades culturais.

#### NOTAS

1. O nome fictício realmente existe: Pousaflores é uma pequena freguesia portuguesa de Ansião. No entanto, não é a ela que Aida Gomes pretendia aludir.

2. Todas as citações do romance foram retiradas da primeira e única edição de 2011, publicada pela Dom Quixote. Assim, nas próximas citações da obra, referimos apenas o número da página.

3. Refiro-me, por exemplo, aos poemas “Carta dum Contratado” e “Monangamba”, de António Jacinto; e o poema “Contratados”, de Agostinho Neto.

4. Práticas bastante comuns no contexto colonial que Aida Gomes reproduz na fala de Geraldina: “O Silvério sempre a exigir-me explicação. Pensava o quê? Já estava esquecido de que foi ele mesmo a fazer filho comigo? De me ver conversar com as minhas amigas, batia-me. De me ver fumar, murro e pontapé. Batia, a criação não está nem nascida” (65).

5. É exatamente essa dinâmica explicada por Júlia Garraio, que diferencia a postura submissa de Deodata em relação à de Geraldina: “The gender roles that Deodata learned from her family back in Angola, and which she tried to transmit to Ercília and Belmira in Pousaflores, certainly converge with Marcolina’s beliefs: ‘Women have to accept their husbands. [...] If a woman has food on the table and clothes on the body, her children go to school, it is her duty to stay with her husband’ (186). It was Geraldina, Silvério’s second wife, who could not conform to them: forced by her father to marry Silvério, and later to hand their daughter over to him (a subplot that reinforces the novel’s depiction of collusion between local patriarchal systems and colonial order in the oppression of women), she resented his jealousy and accused him of violence. Deodata, however, described her as a bad wife who ‘wasn’t able to bear the suffering of living with whites’ (89). Although Deodata invokes ethnicity (tribes from the coast versus tribes from the interior) to explain her differences from Geraldina, the novel suggests their rather different personal attitudes toward patriarchal oppression” (2019, 1571).

6. Segundo Elsa Peralta, a partir dos estudos de Kalter, estes são os números de fuga de portugueses/as para Lisboa: “Através de uma ponte aérea, que envolveu o exército e a aviação civil portugueses, com o apoio da aviação americana, russa, britânica, belga e alemã, 260.000 indivíduos foram evacuados de Angola entre meados de julho e novembro de 1975, nas vésperas da independência do novo país” (2019, 316). Isso tudo ocorria devido à luta dos movimentos de libertação uns contra os outros, instalando um cenário de violência extrema.

7. MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola. UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola.

8. Segundo Elsa Peralta, estima-se que cerca de 500.000 a 800.000 colonos portugueses teriam abandonado a África entre 1974 e 1979.

9. CPLP: Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

10. Frantz Fanon vai referir, em *Os condenados da terra*, uma série de problemas psíquicos desencadeados pela guerra da independência, pela guerra civil e pela tortura, após análises de uma série de casos de pessoas africanas e europeias que desenvolveram problemas mentais.

11. Para Patrícia Ferreira, a morte da irmã de Silvério representaria “a morte de um Portugal atrasado, [enquanto] o percurso dos restantes narradores acentua a dificuldade de integração na sociedade portuguesa” (2015, 115).

12. Júlia Garraio relembra que “a objetivação sexual das mulheres negras herdada do colonialismo surge como peça central neste processo. Não será por acaso que um dos clientes regulares de Belmira é um veterano da Guerra Colonial, cujos comportamentos na intimidade desvendam o enraizamento de sexualidades violentas em posturas (neo-) coloniais” (2020, s/p).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, Helen Leonarda. 2018. “Belmira e a narrativa do trauma”. Em *Tramas e traumas: escritas de guerra em Angola e Moçambique*, organização de Terezinha Taborda Moreira e Denise Borille de Abreu, 164-78. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- Fanon, Frantz. 1968. *Os condenados da terra*. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização.
- Fonseca, Ana Margarida. 2013-2014. “(Pós-)Memórias de África – as narrativas dos ‘retornados’”. *Dedalus* 17-18 (1): 655-70.
- Garraio, Júlia. 2019. “Framing Sexual Violence in Portuguese Colonialism: On Some Practices of Contemporary Cultural Representation and Remembrance”. *Violence against Women*, 25 (13): 1558-77.
- Garraio, Júlia. 2020. “Para lá da metáfora. Violência sexual e (pós)-colonialismo no romance *Os pretos de Pousaflores* de Aida Gomes”. Em *Bula*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, s/p.

- Gomes, Aida. 2011. *Os pretos de Pousaflores*. Lisboa: Dom Quixote.
- Kalter, Christoph. 2017. “Gente pós-colonial: Quem eram os retornados?”. Em *Retornar. Traços de memória do fim do império*, organização de Elsa Peralta, Bruno Góis, e Joana Oliveira, 101-20. Lisboa: Edições 70.
- Leal, Maria Luísa. 2019. “Escritas literárias de uma deslocação histórica: o ‘retorno’”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses* 39 (61): 87-99. <http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.39.61.87-99>.
- Marques, Sandra Isabel. 2021. “Motivações para uma revisitação de África: contributo no feminino para a literatura (pós-)colonial”. *Caderno seminal – estudos de literatura* 39: 742-97. <https://doi.org/10.12957/seminal.2021.58284>.
- Martinho, Patrícia Ferreira. 2015. “O conceito de ‘retornado’ e a representação da ex-metrópole em *O Retorno* e *Os Pretos de Pousaflores*”. *Ellipsis* 13: 95-120. <https://doi.org/10.21471/jls.v13i0.6>.
- Peralta, Elsa. 2019. “A integração dos ‘retornados’ na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação”. *Análise Social* 231: 310-37. <https://doi.org/10.31447/as00032573.2019231.04>.
- Peralta, Elsa. 2022. “Introduction. The History and Memory of the Portuguese Return from Africa”. *The Retornados from the Portuguese Colonies in Africa*, organização de Elsa Peralta, 1-32. New York/London: Routledge.
- Roque, Fátima. 1994. *Angola: em nome da esperança*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Sarteschis, Rosângela. 2019. “Literatura contemporânea de autoria negra em Portugal: impasses e tensões”. *Via Atlântica* 36: 283-304. <https://doi.org/10.11606/va.voi36.i63936>.
- Wieser, Doris. 2021. “The Frizzy Hair of the Retornados: ‘Race’ and Gender in Literature on Mixed-Race Identities in Portugal”. Em *The Retornados from the Portuguese Colonies in Africa*, organização de Elsa Peralta, 150-70. New York/London: Routledge.
- Wieser, Doris. 2024. “A palavra nómada: entrevista a Aida Gomes”. *Portuguese Literary & Cultural Studies* 40/41: 41-53.

FABIO MARIO DA SILVA é professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Unidade Acadêmica de Serra Talhada), também do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRPE e em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Fez pós-doutoramentos em Literatura Portuguesa (2016) na Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP, e em Estudos Portugueses na Universidade de Lisboa (2020). É doutor em Literatura e mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora. Também é pesquisador do CEC (Centro de Estudos Clássicos) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa) da Universidade do Porto. Integra a equipe do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP) da Universidade Federal de Sergipe.